

às atividades de subsistência das atuais populações eburneanas; prossegue examinando as artes e técnicas tradicionais (cerâmica, tecelagem, trabalhos em madeira, marfim, ouro etc.), referindo-se sempre a peças existentes no Museu ou a costumes observados em campo, através de boas fotografias e sugestivos desenhos a bico de pena. Dentro do capítulo relativo aos trabalhos em madeira, dedica várias páginas ao exame detalhado das máscaras cerimoniais.

Dois pequenos "senões" podem ser apontados na obra: os desenhos não vêm acompanhados de qualquer indicação sobre as dimensões dos originais, e o "mapa esquemático das regiões artísticas da Costa do Marfim" — talvez "regiões estilísticas" fôsse a expressão mais apropriada — não corresponde às expectativas que tal título desperta. O texto é enriquecido com notas e uma bibliografia sumária no final do livro.

Trata-se, sem dúvida, de uma obra de divulgação; foi realizada, entretanto, com aquele cunho de seriedade que falta a tantos trabalhos do gênero.

*Thekla Hartmann*

\*

SYLVIA L. THRUPP, ed.: *Millennial Dreams in Action*. Supplement II to *Comparative Studies in Society and History*. 229 págs. Mouton & Co. Haia, 1962. (Preço: US\$ 4.50; US\$ 3.50 para os assinantes de CSSH).

A reação dos povos primitivos à dominação branca muitas vezes tomou a forma conhecida por "movimentos messiânicos": um "enviado divino" percorria a região pregando ou o fim do mundo iminente, ou a próxima chegada dos antepassados, e concitava o povo a determinados comportamentos destinados tanto a facilitar a chegada, quanto a assegurar um lugar importante aos adeptos na nova ordem das coisas. Multiplicaram-se as monografias, que puseram em evidência a regularidade das fases e dos ciclos do fenômeno, fôsse qual fôsse a cultura em que surgisse. Tornou-se, assim, necessário o estudo comparativo dos movimentos. Por outro lado, trabalhos históricos efetuados com perspectiva sociológica permitiam verificar muitos pontos de semelhança com fenômenos ocorridos na Idade Média ou no século XIX na Europa.

Esperavam-se novas análises sócio-antropológicas que aprofundassem o conhecimento dos traços de semelhança e dissemelhança dos movimentos milenaristas e messiânicos, e tal foi intenção de uma conferência realizada em Chicago, em abril de 1960, e cujos resultados foram editados sob a direção de Sylvia Thrupp. Participaram pesquisadores que haviam trabalhado em regiões diversas, e que se tinham ocupado com diferentes períodos históricos. As comunicações se referem a duas ordens de dados: o resultado de pesquisas de campo, efetuadas por sociólogos e antropólogos; a análise de documentos antigos, a cargo de historiadores.

O primeiro problema era, pois, o da validade de uma comparação entre dados de origem heterogênea. Todavia, o trabalho do antropólogo, o do sociólogo e o do historiador moderno apresentam, no dia de hoje, pontos de contacto que possibilitam a comparação, malgrado as técnicas diferentes de que fazem uso. Todos se preocupavam em descrever a organização social, o estilo de vida, a posição social recíproca dos grupos, quanto a dos indivíduos no interior de cada um deles, estabelecem a origem geográfica e social das coletividades que tomam parte no movimento; as crenças e idéias que servem de motor também merecem a atenção, estudadas do ponto de vista de sua "pureza" ou de sua fusão com idéias e conceitos estranhos à comunidade estu-

dada. Assim, o estudo atual dos movimentos messiânicos, quer do ponto de vista histórico, quer do sociológico, gira mais ou menos em torno dos mesmos temas. Eis porque Sylvia Thrupp, na apresentação inicial do trabalho, conclui pela possibilidade de uma discussão frutífera entre antropólogos e sociólogos, de um lado, e historiadores, do outro.

Assim mesmo, os trabalhos da conferência se dispersaram. Cada especialista escolheu um tema diferente para a sua comunicação. A contribuição dos quatro historiadores, por exemplo, seguiu caminhos muito diversos. Norman Cohn, depois de definir o termo "milenarista", lembra a história da noção judeu-cristã do Milênio; descreve as cruzadas populares (que opõe às dos nobres) como uma busca do Paraíso Terrestre encarnado na Cidade de Jerusalém; analisa os diversos movimentos messiânicos de oposição à Igreja a partir do século XXII; evoca, finalmente, as circunstâncias sociais específicas que favoreceram seu aparecimento. Georges Shopperson discute o sentido específico de "milênio" e "milenarista": indica os diferentes problemas sociológicos levantados e os tipos de interpretação. Howard Kasminsky estuda as influências da heresia do Free Spirit sobre a Revolução Hussita. Donald Weinstein explica o caráter cívico do movimento milenarista de Savonarola, em Florença.

Por sua vez antropólogos e sociólogos não deram maior homogeneidade a suas comunicações. René Ribeiro trata dos movimentos messiânicos brasileiros, dos quais apresenta uma visão de conjunto, desde os tempos coloniais até os nossos dias. Seu interesse está voltado para as possibilidades de classificação segundo caracteres culturais e o papel do messias. George E. Simpson descreve o movimento Ras Tafari, na Jamaica, e interpreta-o segundo a concepção clássica das "privações" resultantes do contacto entre brancos e nativos. Eugene P. Boardman estuda a rebelião dos Taiping, na China, através da ideologia — sincretismo entre crenças chinesas e Cristianismo. Justus M. van der Kroef fala dos movimentos em Celebes, em Sumatra, em Borneo, nos cinco aspectos semelhantes que apresentam: o padrão, influenciado pela cultura ocidental; o papel mágico-religioso da veneração dos antepassados; o caráter próprio da liderança milenarista; a formação específica da personalidade em relação com diferentes maneiras nativas institucionalizadas de reação contra o branco; as profecias apocalípticas influenciando o objetivo revolucionário. Jean Guiart aprecia os Cultos da Carga, do ponto de vista da gênese; esta é explicada pela forma que tomou a conversão dos indígenas ao Cristianismo — forma nitidamente milenarista. George Shepperson estuda os movimentos do Nyasaland, na África, através de diversas influências religiosas sofridas pelos negros da região. Mircea Eliade, escrevendo sobre os Cultos da Carga, indica a influência das idéias de regeneração cósmica sobre a doutrina. Em apêndice, Charles W. Jones discute a poesia do sonho milenarista, e David F. Aberle a teoria relativista da "privação", aplicada aos movimentos messiânicos.

Não contestamos o interesse e a importância de todas essas comunicações, cujo nível é excelente. Mas o objetivo proposto pelos organizadores da Conferência e do volume não foi atingido: não é possível uma comparação entre trabalhos feitos com as mais diferentes preocupações, mesmo se os dados foram recolhidos e expostos com critérios idênticos, o que, ademais, não é tampouco o caso no presente volume. Para que a comparação seja possível é necessário que, além da homogeneidade dos dados, sejam propostos os mesmos problemas e estes discutidos com a mesma orientação. Para analisar os movimentos messiânicos de um ponto de vista comparativo, não adianta reunir um antropólogo preocupado antes de mais nada com problemas de classificação, um historiador interessado nas influências religiosas sobre mitos medievais e um sociólogo que focalize as diversas funções do líder. Sem uma sistematização prévia dos

problemas, não há possibilidade de comparação. Apesar desta ressalva, o livro é uma excelente coletânea de estudos que encaram, sob os mais diversos ângulos, uma grande variedade de movimentos messiânicos, de trabalhos que, não obstante o que foi dito, nos permitem entrever a semelhança fundamental de tôdas essas manifestações, quaisquer que sejam os contextos culturais, as circunstâncias históricas e as condições do ambiente geográfico.

*Maria Isaura Pereira de Queiroz*

\*